

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL FRENTE AO ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

CHALLENGES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION FACING REMOTE TEACHING IN THE CONTEXT OF BILINGUAL EDUCATION

Vera Lucia Felicetti¹; Lorena Inês Peterini Marquazan²; Célia de Fátima Rosa da Veiga³; Bruna Kich⁴

RESUMO: Esse estudo relata uma experiência de ensino bilíngue (inglês) na Educação Infantil em uma escola de Educação Básica. Ojetiva elucidar quais estratégias de ensino foram criadas para aproximar a compreensão do idioma considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, bem como verificar a qualidade do ensino na modalidade remota na tentativa de lidar com os desafios socioemocionais causados pela Covid-19. A abordagem é qualitativa e o universo em estudo é a Educação Infantil. Nos resultados, confirmou-se que as estratégias diversificadas de ensino contribuíram para a aprendizagem da língua inglesa. Compreendeu-se que a instituição escolar e a família são indispensáveis à formação nesta etapa da vida da criança e uma educação de acolhimento faz-se importante para seu bem-estar.

Palavras-chave: Educação Infantil. Ensino remoto. Língua inglesa.

ABSTRACT: This study reports an experience of bilingual teaching (english) in Early Childhood Education in a Basic Education school. Aiming to elucidate which teaching strategies were created to approach the understanding of the language considering the rights of learning and development, as well as to verify the quality of teaching in the remote modality in an attempt to deal with the socioemotional challenges caused by Covid-19. The approach is qualitative and the universe under study is Early Childhood Education. In the results it was confirmed that diversified teaching strategies contributed to the learning of the english language. It was understood that the school institution and the family are indispensable to the formation at this stage of the child's life and a welcoming education is important for the child's well-being.

Keywords: Early childhood education. Remote education. English language.

Introdução e contexto

As instituições de ensino do Brasil, em dois mil e vinte, foram desafiadas a buscar novas formas de ministrar o ensino, devido a pandemia da Covid-19. A Lei Federal 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, dispôs sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019 (BRASIL, 2020). E em 17 de fevereiro de 2020, a portaria 343 substituiu as aulas presenciais por aulas remotas nas instituições de ensino, ou enquanto durasse a pandemia (BRASIL, 2020b). No que tange à Educação Básica, as escolas também readaptaram o modo de articular as aulas. Na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, o

¹ Doutora em Educação pela PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade La Salle – Canoas – RS. E-mail: vera.felicetti@unilasalle.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6156-7121>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Santa Maria, RS. Professora Associada III na mesma instituição no Departamento de Fundamentos da Educação. E-mail: lorenamarquazan@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7443-7200>

³ Doutoranda em Educação na Universidade La Salle - UNILASALLE - Canoas, RS. Coordenadora Pedagógica de Educação Bilíngue no Colégio Franciscano Sant'Anna - Santa Maria, RS. E-mail: celiavei16@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1138-2660>

⁴ Mestranda em Políticas Públicas na Universidade Federal - UFSM - Santa Maria, RS. Professora Bilíngue no Colégio Franciscano Sant'Anna - Santa Maria, RS. E-mail: brunavkich@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7443-7200>

Decreto Executivo nº 55 de 19 de março de 2020 suspendeu as atividades presenciais das escolas públicas e privadas (SANTA MARIA, RS, 2020). A partir disso, uma reestruturação pedagógica fez-se necessária para que fosse possível dar prosseguimento as aulas, numa nova modalidade, durante o distanciamento social. Conforme aponta Lopes (2021, p. 15-16):

A partir dessa premissa, um novo modelo educacional necessitou ser implementado, emergencialmente, cujos alunos e professores separados fisicamente, mas em comunicação por meio dos recursos tecnológicos, deram continuidade às aulas, tradicionalmente realizadas na modalidade presencial. Contudo, esse fato, está envolto em uma realidade de dificuldades, incertezas, angústias, desigualdades e lacunas sociais e educacionais, inclusive do ponto de vista formativo do professor e dos processos de ensino e aprendizagem; um imbróglio que está longe de ser solucionado.

Em meio ao movimento de adaptações do ensino presencial para o remoto um Colégio privado localizado na região central do Rio Grande do Sul estava a implantação de um programa bilíngue, alinhado ao currículo, contemplando as turmas do Berçário 02 anos, Educação Infantil ao terceiro ano do Ensino Fundamental, com aulas diárias de língua inglesa. Nesta direção, o Colégio lidou com dois desafios: um planejado, o programa bilíngue e, o outro: o exercício de um ensino remoto em decorrência da pandemia do Coronavírus – Covid-19.

Compreende-se, por educação bilíngue, o planejamento e instrução de atividades pedagógicas em outra língua, para construir conhecimento em outras áreas de conhecimento (MEGALE, 2019). Corroboram com essa concepção Hamers e Blanc (2000, p.189) que compreendem educação bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar em que, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em, pelo menos, em duas línguas.” Sendo assim, a língua integrada a um currículo pode proporcionar efetividade no ensino e na aprendizagem. Não é apenas um componente curricular a ser ministrado pelo professor, mas configura-se na integração dos saberes construídos.

Em meio ao contexto da pandemia, iniciou-se o trabalho da educação bilíngue no Colégio, no mês de fevereiro. As aulas, ocorreram, diariamente, com a proposta de um programa bilíngue, adotado pela escola. Devido a Covid -19 e sob o decreto nº 1 do Conselho Estadual de Educação - CEED do Rio Grande do Sul não foi possível a presencialidade, a partir da 2ª quinzena do mês de março, pois, durante este período as aulas foram suspensas em todas as escolas do país. Desse modo, o Colégio optou por oferecer as aulas bilíngue (inglês), bem como as demais aulas do currículo, na modalidade remota via Plataforma *Zoom*, de quarenta (40) minutos. Na Educação Infantil, as aulas da educação bilíngue ocorreram três vezes na semana, segunda, quarta e sexta-feira, no horário organizado pela escola, ou seja, três encontros semanais de 40 minutos.

Pressupostos epistemológicos

As incertezas do tempo vivenciado, de um possível retorno presencial à escola, da melhor forma para adaptar e transpor tanto as experiências rotineiras da instituição escolar, como a construção da proposta bilíngue, são relatadas neste texto, tendo o olhar voltado para a Educação Infantil contemplando a construção sócio emocional dos educandos frente aos novos tempos de distanciamento social em que vivemos. Foram pontuadas práticas que compreendessem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil, propostos pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC - a saber: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer (BRASIL, 2018). Portanto, esse estudo está organizado de maneira qualitativa, visto que: (1) pressupõe novas descobertas e elementos, (2) enfatiza a interpretação contextual – a escola, os professores, alunos e famílias, e o programa implantado (3) elucida de forma complexa e completa a realidade vivenciada pelos sujeitos; (4) possuem fontes de informação variadas (documentos legais acerca do ensino remoto durante a pandemia Covid-19, políticas públicas sobre o nível da Educação Infantil, teóricos que dão aporte ao bilinguismo); (5) permite ao leitor associar essa escrita as suas práticas, incorporá-las ao seu cotidiano, e até mesmo ressignificá-las; e (6) se vale de uma linguagem mais acessível quando comparada a outros métodos investigativo (LÜDKE & ANDRE, 1986).

Como objetivos do estudo, propomos: a elucidar quais estratégias de ensino foram criadas para aproximar a compreensão do idioma inglês, considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, bem como verificar a qualidade do ensino na modalidade remota na tentativa de lidar com os desafios socioemocionais causados pela Covid-19.

Compreende-se que o ato de narrar um estudo de caso, propõe não apenas ao leitor o processo de refletir sobre o que foi pensado, feito ou posto, mas também cabe a nós, autoras, planejadoras e educadoras refletir sobre o que fizemos e como poderia ser feito. Esperamos que este texto, tal como aponta Larrosa (2018, p.20) “possa servir como material para outras conversas, que sem dúvida, incluirão outros textos, outros filmes, outros exercícios, outras divagações e outros conversadores”. Na proposta dialógica de compartilhar e adquirir saberes para implementarmos práticas e propostas significativas para os estudantes e para os tempos em que vivemos, justificamos esse estudo.

As aulas bilíngues na Educação Infantil: uma proposta de acolhida e cuidado frente às telas

É assertivo que somos seres sociais e como tal, partilhamos com os outros nossas experiências para daí então construirmos a nossa subjetividade. A Educação Infantil é um dos momentos ápice na vida do sujeito, em que ele se separa do vínculo afetivo por algumas horas do núcleo familiar para conviver com a comunidade escolar, o que para muitas crianças é um momento inédito (BRASIL, 2018). Algumas haviam convivido tão somente com a sua família até o momento de ir para a escola. Com pouco mais de um mês do ano letivo, na adaptação à nova rotina, houve a paralisação das aulas

presenciais nas escolas como forma de minimizar o contato social e uma tentativa de evitar o contágio do vírus SARS-Cov-2.

A proposta para Educação Infantil, coloca que devemos educar e cuidar, ao mesmo tempo, em que trabalhamos a socialização, a autonomia e a comunicação. Buriel (2020, p.30) afirma que “nenhuma forma de sofrimento deveria ser vista como chave pedagógica”, mas sabemos que os tempos vividos são outros, e que a excepcionalidade de uma situação pode nos encaminhar para novos caminhos. Afinal, “Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus?” (SANTOS, 2020, p.5). Assim, foram criadas e adaptadas propostas para o ensino bilíngue na Educação Infantil da escola em estudo, expostas neste relato de experiência para organizar e compartilhar conhecimento educativo nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e aplicados nas aulas síncronas e assíncronas durante o período de ensino remoto no ano de 2020.

O primeiro direito de aprendizagem e desenvolvimento expressa o "conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.” (BRASIL, 2018, p. 38). Assim, organizaram-se práticas de ensino para o conviver das crianças, mesmo através das telas, na proposta do ensino bilíngue, proporcionando-lhes falarem de si, de seus hábitos, gostos, preferências, bem como a escuta do colega e suas manifestações. Pontuamos, duas propostas que contemplam o referido direito de aprendizagem:

Live dos pets: Ao estudarem sobre os animais (*wild animals; farm animals e pets* - animais selvagens, animais da fazenda e animais domésticos), os educandos foram convidados a apresentarem seus pets na *live*, dialogando sobre qual animal eles possuíam, nome, idade e as cores da pelagem/ penas, dentre outros aspectos. Foi construída integração de afetividade ao apresentarem seus animais. Aqueles que não possuíam animais, mostraram um bichinho de pelúcia e outros expressaram qual animal eles gostariam de ter. Assim, todos tiveram a oportunidade de interagir em inglês, pois, toda a dinâmica da aula foi no referido idioma.

Notou-se que foi possível explorar a subjetividade dos estudantes, explorando suas emoções através do afeto com os seus animais de estimação e também seus desejos de ter um animal, seria esse um cachorro ou um gato? Talvez um cavalo? Ou ainda no imaginário infantil, até mesmo um unicórnio. Além da afetividade, do reconhecer o outro e as relações que as crianças constroem junto aos animais, foi um tempo de escuta e acolhida às crianças e suas famílias.

Em relação à aprendizagem do inglês as crianças estavam animadas e aprendendo, gradualmente, a falar palavras, frases e vocabulários relacionados ao objeto de aprendizagem. Elas reagiram de modo curioso, procurando entender o que a *teacher* estava ensinando-lhes naquele momento. Quando falavam em português a professora procurava ensinar-lhes a perguntar em inglês. Eles repetiam: *teacher how can I say cachorro in english?* E desse modo eles iam falando e aprendendo o idioma. A professora buscava perguntar a cada aluno presente na aula remoto para a participação. O fato de que estavam mostrando algo sobre a vivência deles, que faz parte da sua rotina e dos seus afetos,

impulsionou a participação das crianças que ansiavam por mostrar à professora e aos colegas seus *pets*, falando do tamanho, cor e idade.

Mostra dos quartos: ao estudarem a mobília que compõe os quartos, cada aluno foi convidado a falar sobre o seu próprio dormitório. A professora motivava o uso do inglês com perguntas como “*Is your bed big or small?*”, *Is there a lamp?*”. As famílias foram avisadas, previamente, para que as crianças, livremente, mostrassem seu quarto e apresentassem seus objetos e mobília para os colegas. Assim, as crianças foram reagindo empolgadas ao mostrarem seu espaço, seus brinquedos, as cores das paredes e auxiliadas pelos responsáveis, que as ajudavam a manejar os *tablets*, computadores ou celulares com câmera. Assim, foram explorando novo vocabulário. As reações eram de surpresa, pois, não conheciam os nomes em inglês e a *teacher* mediava a interação na língua inglesa.

Ambas propostas se originaram da necessidade das crianças expressarem seu ambiente e o convívio, mostrando, nos mais diversos momentos pedagógicos, seus brinquedos, objetos, animais e outros. Compreendemos que mesmo na língua inglesa, quando uma criança interage a sua vivência para um adulto, nesse caso uma professora, mostrando algo ou pedindo para cantar uma música, ela está “chamando-a para o seu mundo, e dando significado para aquela língua para a qual ela está sendo exposta. Se a professora se nega [...] ela mata a vontade do aluno. Assim, dificilmente há um fator que sustente uma aprendizagem. O aluno [...] aprende pelo vínculo.” (FORTE, 2010, p. 103). Dessa forma, com essa atividade, foi possível contemplar outro aspecto, que aponta para participar “das atividades propostas pelos educadores quando da realização de atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimento (BRASIL, 2018, p.38). Abordar objetos de conhecimentos que traduzem o contexto de vida, no espaço educativo da escola, seja presencial ou remoto, contribui para a aprendizagem por meio do vínculo afetivo.

O segundo direito de aprendizagem e desenvolvimento diz respeito ao brincar, um ato que “influencia o desenvolvimento da criança a partir do exercício das suas potencialidades” (CHICON, SÁ & MURACA, 2021 p.17). É no ato de brincar que a criança explora sua potencialidade e se constitui como sujeito. A BNCC (2018) aponta que a criança no ato de:

[...] brincar cotidianamente de diversas maneiras, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018, p. 38).

É sabido que no mundo atual, as crianças brincam com telas, jogos *on-line* e videogames. Chicon, Sá & Muraca (2021, p.17) escrevem que: “As crianças brincam de diferentes formas que correspondem a sua faixa etária e ao seu desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor. [...]. Todas as formas de brincar são importantes e necessárias.” Buscando compreender essa dinâmica, buscamos organizar o planejamento para que a brincadeira continuasse existindo na perspectiva remota. Assim, da

mesma maneira, compreendemos que as diferentes formas de brincar podem ser também tecnológicas, por isso, aderimos ao “brincar tecnológico”, ao mesmo tempo, em que transpomos a brincadeira da forma presencial ao novo modelo.

Nearpod: O domínio *nearpod.com* permite criar lições interativas para os mais diversos níveis. O *site* conta com diferentes templates que são customizados segundo a necessidade de cada usuário: é possível agregar atividades de escuta, gravando a própria voz, pedir para que desenhem em uma tela, propor perguntas e respostas através de questões escritas, gravadas em voz ou com imagens, dentre outros. A atividade pode ser enviada de forma síncrona ou ainda assíncrona. A atividade escolhida foi *Time to Climb*, em que cada educando customiza o seu avatar e sobe uma montanha. Quanto mais perguntas certas, mais próximo ao pico da montanha o avatar estará. Ao final, é exibido um *ranking* com todos os jogadores da turma e suas posições na montanha.

A estratégia pedagógica permitiu aos estudantes uma experiência nos meios digitais em uma atividade adequada para a faixa etária, em que eles puderam, além de revisar os conhecimentos do conteúdo da língua inglesa, exercitar a criatividade e a subjetividade criando seus avatares, fazendo escolhas e percorrendo caminhos. Dialogar com os outros estudantes que estavam ali, também de forma *on-line*, possibilitou a convivência digital através do lúdico no pedagógico. Percebemos a interação de um jovem cidadão digital, aprendendo a conviver na escola, organizada fora do seu espaço físico, no meio digital. Como essa foi uma atividade assíncrona, recebemos o *feedback* através da comunicação com as famílias, que ora enviava mensagem, ora postava nas redes sociais a participação de cada criança. O jogo foi integrado entre turmas e o *ranking* promoveu a socialização dos grupos. Alguns pais relataram que as crianças ficaram entusiasmadas para jogarem mais de uma vez, outros que os alunos reconheceram no *ranking*, colegas de futsal. O espaço de integração, que na escola excede o espaço da sala de aula, foi promovido através do meio digital, no brincar com crianças do mesmo nível, mas de turmas.

Hunting: O jogo de *hunting*, ou caça ao tesouro, já é amplamente usado na educação em vários níveis. Consiste em buscar um objeto específico para o momento. A professora usou o domínio *wheelofnames.com* para criar uma roleta com as *shapes* (formas geométricas) e cores. As crianças deveriam buscar nas suas casas objetos com as cores e os formatos perdidos. Exemplo: *Find a blue circle. Find a pink square*. Foi um momento de muita empolgação das crianças, que exploraram o “sair da cadeira” ou “sair de frente a tela” para cumprir uma tarefa que se apresentou fora do formato regular de atividades (sentados em frente a tela, escrevendo, desenhando ou respondendo). As famílias foram ativas na busca auxiliando no processo exploratório de cada criança na língua inglesa.

Nos jogos, também foi possível, explorar outro direito de aprendizagem da criança na Educação Infantil:

[...] explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades, as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2018, p. 38).

Assim exploramos o meio virtual, a casa, o apartamento onde os educandos habitam, os objetos que os cercam, suas cores e a forma de expressá-los, em língua inglesa, exploramos a ansiedade de encontrar logo cada item sorteado, e a alegria de encontrá-lo, ou a frustração de dizer “*I don't have it*”. Estavam imersos então no “expressar como sujeito dialógico, crítico e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões e questionamentos, através de diferentes linguagens.” (BRASIL, 2018, p. 38). Expressar as emoções e lidar com elas, é uma das habilidades mais necessárias no mundo atual: o autoconhecimento, a gestão de emoções e a inteligência socioemocional começam bem cedo na infância, através da manifestação vygotskiana da brincadeira e dos jogos como o vir a ser da criança. Nesse momento, ela se coloca como sujeito histórico no mundo, não só expressa suas alegrias, angústias, tristezas, ansiedades, como aprende a reconhecer as emoções e a lidar com elas.

Mas só é possível conviver, brincar, participar, explorar, expressar, se aprendermos a conhecer. E não é apenas conhecer sobre as coisas do mundo, seus cheiros e suas texturas, mas também nos autoconhecimentos. Quando a criança se reconhece sujeito no mundo, amada, querida e amparada pelos que a rodeiam: familiares, professores, colegas, ela está livre para construir sua subjetividade, lidar com as suas emoções, trabalhar os seus potenciais e aprimorar as suas dificuldades. O ser humano é múltiplo: cuidamos do nosso intelecto com conhecimento curricular e cultura, cuidamos do nosso espírito com conhecimento religioso, com a nossa relação com os animais e a natureza, mas também cuidamos do nosso corpo através da alimentação e da prática de atividades físicas. Assim, a criança se põe como sujeito na sua integralidade, corpo, mente e espírito. Por isso, é importante “construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e, em seu contexto familiar e comunitário” (BRASIL, 2018, p. 38). Derivada do contruir, surge uma nova proposta para os educandos e suas famílias: a aula de *Yoga*.

Yoga Class: A aula de *yoga* está prevista no conteúdo do programa bilíngue que integra o currículo da escola. Em termos de aprendizagem de língua inglesa, os objetivos são revisar as partes do corpo, reconhecer o imperativo (movimentos com o corpo). Com o andamento das aulas (sendo programadas para acontecerem durante uma semana, em três diferentes encontros), as crianças foram explorando seus corpos, seu equilíbrio, experimentando possibilidades corporais e ampliando suas formas de expressão. Voluntariamente, ou a pedido das próprias crianças, as famílias foram se juntando às aulas e aos movimentos - algumas ainda receosas, mais ao lado das câmeras, outras mais à vontade, de frente a câmera. Todas testando seu equilíbrio, elasticidade e concentração. O bem-estar envolvido na atividade foi tão evidente mesmo pelas telas, que surgiu a ideia de estender o convite a todas as famílias: surgiu assim, o *Yoga Family*. Nessa aula especial, todas as famílias foram convidadas a participar: tivemos a presença de mães, pais, irmãos, irmãs, avós, avós, tios, dentro outros. Cada família organizou-se segundo a sua rotina e possibilidades daquele momento. E assim, foi possível, mesmo de

forma virtual, integrar escola e família, afetos, língua inglesa e o cuidado com a saúde na promoção do bem-estar da criança.

Resultados e considerações

Brincar é um ato relevante em qualquer contexto pedagógico. É assim que a criança se expressa e, desse modo, se apropria da subjetividade do adulto, colocando-se no mundo como sujeito histórico. Quando falamos sobre aquisição da linguagem ou implementação de um programa bilíngue em uma escola, na Educação Infantil, não podemos dissociar os direitos da aprendizagem e do desenvolvimento infantil propostos pela Base Nacional Comum Curricular.

Frente aos objetivos propostos neste artigo relatamos uma breve experiência vivenciada numa escola privada, durante o ensino remoto na Educação Infantil com as aulas bilíngues no ano de 2020. Constatam-se a relevância de buscar possibilidades de práticas educativas que integrassem os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, propostos pela BNCC, na tentativa de lidar com os desafios socioemocionais que se apresentavam no contexto das crianças. Percebemos que as aulas foram organizadas para além do ensino de língua inglesa, contemplando a realidade de cada estudante e do ambiente em que estava inserido, numa proposta que educa e acolhe.

A necessidade de reconfigurar os planejamentos e as estratégias de ensino do professor de língua inglesa foi necessária, frente aos novos espaços educativos, para que fosse possível alcançar a aprendizagem ao aluno. Dessa forma, os professores reconfiguraram a organização dos conteúdos da aula presencial para a remota, como também adaptaram as diversas atividades. Outro aspecto relevante foi a continuidade da participação das crianças nas aulas remotas, pois, o deslocamento do ambiente presencial de aprendizagem para o virtual, afetou fortemente as crianças, sendo que o contato, a afetividade e a proximidade é primordial nesta fase da Educação Básica. Importante salientar que as crianças não estavam acostumadas com esta modalidade de ensino remoto e tão pouco suas famílias. A reestruturação foi recíproca para a escola e as famílias. Dessa forma, as crianças, ainda dependentes do adulto, passaram por uma nova adaptação, primeiro a do presencial e logo após, a do virtual.

Redigimos neste trabalho, experiências do ensino bilíngue que foram pensadas, adaptadas e organizadas para o momento remoto, com o desafio tecnológico, de rotinas e organização familiar daquele período. Percebeu-se, também a fragilidade socioemocional e as necessidades afetivas das crianças durante a mudança da rotina de suas vidas. Compreendemos que a instituição escolar e a família foram e são indispensáveis na formação da criança, porém durante o tempo em estávamos vivendo, a educação não parou, e dessa forma buscou-se acolher as crianças e trazê-las às aulas. Foi possível através das telas, compreender melhor o espaço que cada criança estava habitando, sua rotina e organização, e contar com a parceria das famílias, para desenvolver não apenas competências linguísticas na língua inglesa, mas a habilidade de saber lidar com os desafios socioemocionais que estavam presentes no universo das crianças.

Referências

BRASIL (a). Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113979.htm> Acesso de 23 de maio de 2021.

BRASIL (b). Portaria nº 343 de 17 de março de 2020. Disponível em <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-24856437>> Acesso em 23 de maio de 2021.

BRASIL, 2018. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BURIL, Bárbara. **A pandemia e o individualismo que nunca existiu**. p. 30- 34. In: REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lurdes; XAVIER, Raquel Cipriani. Reflexões sobre uma pandemia. Florianópolis: Néfiponline, 2020. Disponível em : <http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/LIVRO.-Reflex%C3%B5es-sobre-uma-pandemia-2020.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; MURACA, Gabriela de. **Aprender Brincando**: caderno de fundamentos e atividades lúdicas inclusivas para crianças de três a seis anos. Campos dos Goytacazes (RJ): Econtrografia, 2021.

FORTE, Janaína da Silva. **O ensino da língua inglesa para alunos da educação infantil em Porto Alegre**: uma leitura crítica acerca do uso da linguagem, do letramento e das crenças. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 116, 2010.

HARMERS, J; BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de ser professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MEGALE, A. (Org.). **Educação Bilíngue no Brasil**. São Paulo: Fundação Santillana, 2019.

LOPES, Jessica Fernanda. **Ensino remoto em tempos de pandemia**: articulação entre os processos sócio-educacionais e a formação de professores. In: PAPIM, Angelo Antônio Puzipe; ROMA, Alessandra Ferreira, Di. Educação em tempos de pandemia: novas fronteiras de ensino e aprendizagem. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Executivo nº 55 de 17 de março de 2020**. Disponível em <<http://www.santamaria.rs.gov.br/coronavirus/?secao=decreto>> Acesso em 23 de maio de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020.